

Por Rachel Vallego

*Canis lupus familiaris*, espécie animal domesticada há milhares de anos, ou simplesmente cachorros, considerados o melhor amigo do homem, sua fidelidade inabalável é seu maior adjetivo. Tratados com todo amor e carinho, muito além de um mero animal de estimação, são para muitas pessoas como filhos.

Cães geram um nível de identificação com a personalidade humana que instiga a curiosidade, talvez seja o bicho com o qual mais nos sentimos próximos e representados. Compreender como essa metáfora de simbiose influencia o comportamento humano faz da série de pinturas apresentadas por Alice Lara um questionamento sobre os limites desse amor.

Mesmo proibidas, rinhas de cães são bastante populares por todo o mundo. Usadas pela artista como referências fotográficas, estes espetáculos de truculência criados pelo homem no qual cães competem ferozmente pela vida, transcendem de animais de estimação para personificar obscuros desejos de seus apostadores, instauram na pintura uma agressividade em expansão. As telas expõem algo da crueldade humana capaz de promover atos de brutalidade gratuita, enquanto os cachorros, reféns de olhos ausentes, manifestam que a barbárie talvez não seja intrínseca a sua natureza, mas à nossa.

A partir do filme *Amores Brutos*, de Alejandro González Iñárritu, Alice Lara inicia sua pesquisa poética. O filme apresenta as rinhas de forma bastante realista e violenta, seus cães são transformados em metáforas dos relacionamentos afetivos das personagens. A pintura se apropria desses elementos humanos equiparando-nos ao comportamento selvagem, “como se não houvesse uma metáfora melhor para a humanidade do que expor seu lado emocionalmente descontrolado, violento, instintivo e frágil”, comenta a artista.

Despojando-nos de todas as máscaras, Alice Lara quer evidenciar a exuberância animal através da pintura. Além de todo o sofrimento, seus cães pulsam independentemente à nossa vontade. O bicho encontra espaço na tela que não o domina, esquiva-se dela insistentemente, cada corte da composição

o reaproxima de sua essência, talvez buscando um escape total à representação.

Por Rachel Valego

O desejo por entender a essência do comportamento animal reflete algo da vontade humana de compreender sua própria densidade, entre o animalesco e o anseio de dominar o selvagem, a pintura revela algo sobre a ambição do encontro com reflexos de seu próprio espírito. Falso Mundo Maravilhoso evoca as relações de convivência entre homens e animais selvagens para aventurar-se numa pintura que evidencia a exuberância pulsante do mundo animal independentemente da nossa vontade, o bicho encontra seu espaço na tela que não o domina, esquiva-se dela insistentemente, cada corte de composição o reaproxima da sua realidade, talvez buscando um escape total à representação.

Animais empalhados em posições que seriam improváveis caso ainda estivessem vivos, satisfazem um estereótipo de beleza e naturalidade que satisfazem um resquício de esperança pela convivência harmoniosa, mas acabam por evidenciar uma imposição da condição humana àquilo que pertence ao domínio do selvagem. Enquanto a taxidermia possibilita uma aproximação inofensiva com os animais selvagens, a pintura de Alice Lara reforça-nos este deslocamento ao valorizar a seleção de cortes compositivos que enfatizam a irrealidade destas apresentações. Com o uso de referências fotográficas dá-se margem à criação de áreas na pintura que surge da observação, mas que ao mesmo tempo se permite passear pelo o estranho e o gestual.

A série “Falso Mundo Maravilhoso” explicita como a cobiça pela essência do animal é perdida no ato da preservação, o vazio presente nestes corpos mortos é justamente o que nos mostra que ali já houve algo como uma alma. Privados da sua potência selvagem e tratados como bichos de estimação, a pintura busca expor que as relações de convivência entre homens e animais também almeja igualá-los e elevá-los mutuamente a uma existência mais sublime.

A vitalidade da pintura de Alice Lara nos oferece a reaproximação sobre um tema que seduz a história da humanidade, investigar seus mistérios, buscar na plasticidade das formas a valorização de seus corpos e suas peles, dão a este conjunto de pinturas uma voz para falar sobre a essência humana sem necessariamente nos mostrar.

Rachel Vallego é doutora em Estética e História da Arte pela Universidade de São Paulo, mestre em Arte pela Universidade de Brasília. Pesquisa sobre arte moderna e contemporânea, curadoria e mercado de arte no Brasil.